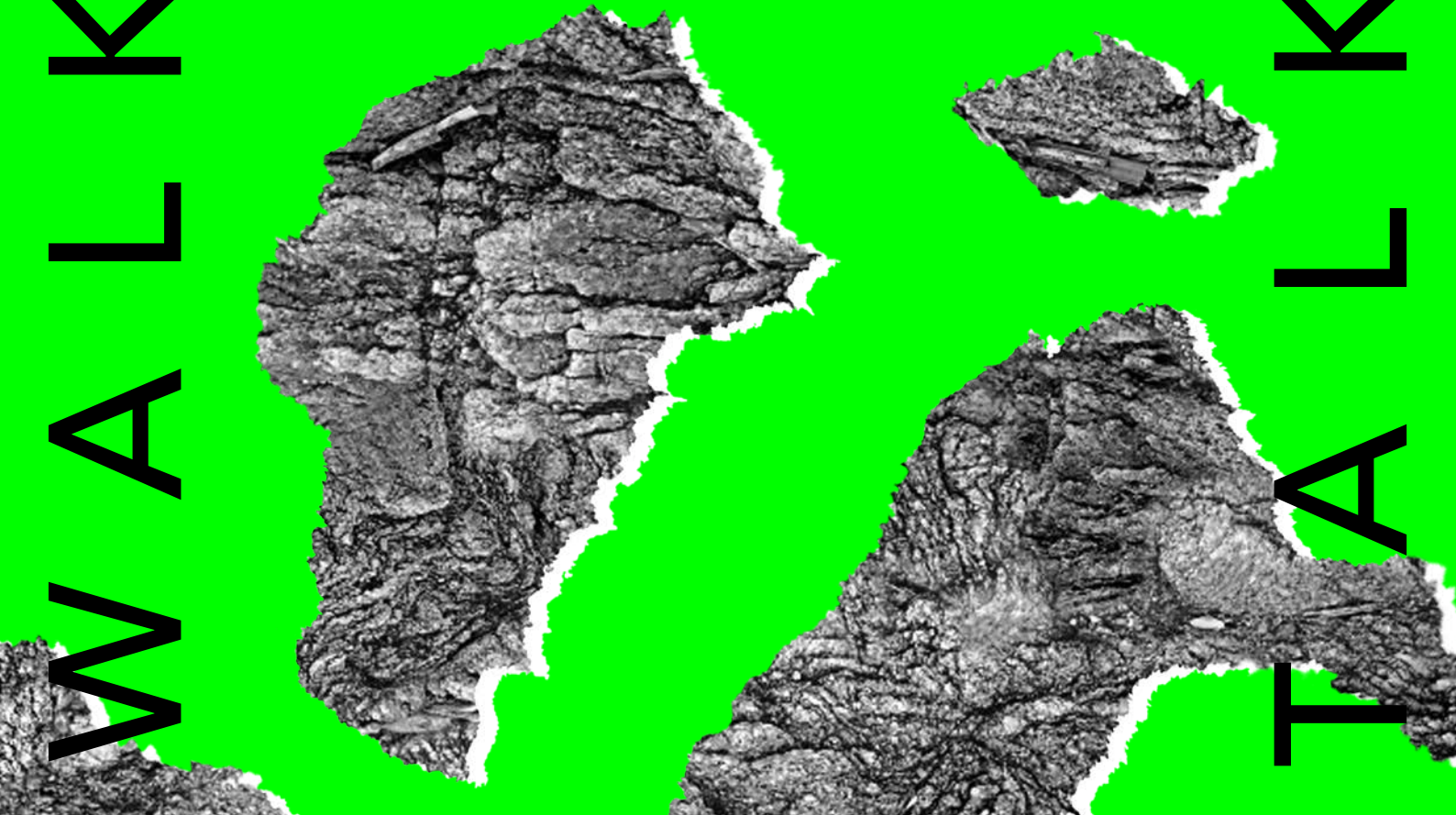
WALK

festival de artes

PORTUGUÊS

5–20 julho 2019



TALK

WALK&TALK

Direção Artística
Jesse James
Sofia Carolina Botelho

Curadores Convidados 2019
Miguel Flor
Sérgio Fazenda Rodrigues
The Decorators
Mariana Pestana, Carolina Caicedo,
Suzanne O'Connell e Xavi Llarch Font

Direção de Produção
Luís Brum – Circuito Ilha
Bruno Sousa – Circuito Exposições
Joana Cardoso – Circuito Performativo
João Rebelo Costa – Pavilhão

Programa de Conhecimento
Sofia Carolina Botelho
Rita Mendes

Direção de Comunicação
Sílvia Escórcio,
Curadoria de Comunicação (CUCO)
Tânia Moniz

Produção Executiva
Dário Rosa
Joana Moreira
João Sousa
Marta Espiridião

Acolhimento
Mafalda Brazão
Bruna Maré
Rita Sampaio
Rodrigo de Sá

Design de Comunicação
vivóeusébio

Web Design
Pedro Rodrigues

Direção de Imagem
Sara Pinheiro

Fotografia
Álvaro Miranda
Mariana Lopes
Filipa Couto

Vídeo
Bernardo Ferreira
Cláudio Oliveira
Rui Nó

Consultor Jurídico
Lina Tavares Raposo

Consultor Financeiro
Paulo Veríssimo

UM PROJETO FINANCIAMENTO

PATROCINADORES INSTITUCIONAIS

PATROCINADORES

PARCEIROS ASSOCIADOS

PARCEIROS LOGÍSTICOS

PARCEIROS PROGRAMAÇÃO

APOIO À COMUNICAÇÃO

contemporânea **GERADOR**

Walk&Talk é o Festival de Artes dos Açores e o Programa de Residências Artísticas que acontece ao longo do ano. Experimental e participativo, o projeto incentiva a criação de novos objetos em diálogo com o território e as especificidades socioculturais do arquipélago. Foca-se no envolvimento de comunidades locais e visitantes, através do conhecimento que é gerado pelas práticas artísticas atuais, e interseta arte, dança, performance, teatro, arquitetura, design, cinema e música. Em 2019, o festival completa a nona edição convidando artistas e curadores a apresentar os seus trabalhos, sobretudo novos projetos desenvolvidos em residência nos Açores, em mais de vinte locais da ilha de São Miguel e em cinco circuitos artísticos: Circuito Ilha, Circuito de Exposições, Circuito Performativo, Circuito de Residências e Circuito de Conhecimento.

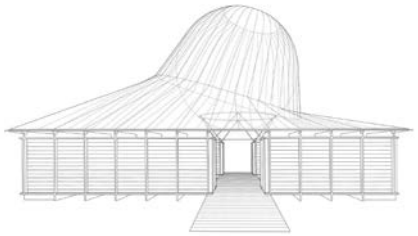
Pavilhão W&T
Largo de São João, Ponta Delgada

Domingo* a quinta: 11H – 00H
Sexta: 11H – 03H
Sábado: 11H – 04H

*exceto dia 7 de julho, aberto apenas entre as 21H – 00H

O Pavilhão é uma estrutura temporária destinada a habitar o Largo de São João, junto ao Teatro Micaelense, no centro da cidade de Ponta Delgada, durante o período do festival. É um espaço funcional, que reúne cantina, bar, auditório e palco, e que permite a confluência entre artistas, organização e visitantes. Ponto de encontro das atividades do Walk&Talk, é também aqui que acontecem concertos, conversas, festas e performances.

O primeiro Pavilhão W&T foi criado em 2018, pelo coletivo de arquitetura Mezzo Atelier. Este ano, o projeto está a cargo do coletivo Artworks & GA Estudio e é inspirado, no seu conceito e forma, pelo tradicional capote açoriano.



Info Point / Loja W&T
SolMar Avenida Center,
Praça Central

Segunda a sábado: 12H – 19H

Cantina Aberta
6 – 20 JUL / 20H / 8€
Pré-inscrição necessária:
welcoming@walktalkazores.org

O Pavilhão W&T é também a cantina do festival e ao jantar está aberta a todas as pessoas que desejem partilhar uma refeição, conhecer melhor os bastidores e os artistas, curadores, equipa e convidados que compõem a moldura humana do projeto.

Contactos
Informações Gerais
info@walktalkazores.org

Imprensa e Parceiros
comunicacao@walktalkazores.org

Circuito de Conhecimento
conhecimento@walktalkazores.org
Summer school, férias no museu, ateliers, visitas-guiadas

Reservas
welcoming@walktalkazores.org
Cantina Aberta, Brunch&Talk

Bilhetes
Disponíveis nos respetivos espaços de apresentação e Pavilhão W&T

O programa está sugeito a atualizações.

Pensamento, participação e partilha são eixos estruturantes do programa de Conhecimento Walk&Talk. No festival, o conhecimento descreve um circuito autónomo, com atividades que cruzam os diferentes circuitos e envolvem pessoas e grupos distintos em torno da produção artística. O Pavilhão W&T é um espaço aberto à comunidade e acolhe Conversas, Brunch&Talk, jantares Cantina Aberta e noites de festa e convivialidade. Crianças, jovens e pessoas de todas as idades podem desenvolver as suas aptidões artísticas em Ateliers de Férias no Museu Carlos Machado, na Summer School ou nas Oficinas Temáticas. O festival conta com o apoio de voluntários e em 2019 recebe um grupo de jovens que viajam especialmente da ilha Terceira. Artistas que trabalham em São Miguel abrem os seus estúdios a novos visitantes e as visitas guiadas convidam a conhecer em pormenor os vários projetos do festival, bem como as gentes da ilha, as suas histórias e recantos especiais.

Summer School

8 – 12 JUL
Pavilhão Walk&Talk

+ 16 anos / 50 € / Pré-inscrição obrigatória
Mais informações e inscrições:
conhecimento@walktalkazores.org
(+351) 913 412 105

A Summer School Walk&Talk é um programa diário de conversas e exercícios com artistas e curadores participantes no festival, que visa promover as aptidões artísticas, sobretudo de jovens adultos e estudantes de escolas secundárias de São Miguel, através de sessões informais de partilha e discussão de métodos de trabalho.

8 JUL (segunda)
10H – 13H
Diana Vidrascu + Johan Harnsten

9 JUL (terça)
10H – 13H
Sérgio Fazenda Rodrigues

9 JUL (terça)
14H – 17H
Abbas Akhavan

10 JUL (quarta)
10H – 13H
Alex Farrar

10 JUL (quarta)
14H – 17H
The Decorators

11 JUL (quinta)
10H – 13H
Ana Cristina Cachola

12 JUL (sexta)
10H – 13H
Danny Bracken

Férias de Verão no Museu

18 – 19 JUL
Museu Carlos Machado
Núcleo de Santo André

18 JUL > 6 – 12 anos / 19 JUL > 13 – 16 anos
Gratuito / Pré-inscrição obrigatória
Mais informações e inscrições:
(+351) 296 202 930 - Serviço Educativo
Museu Carlos Machado

Oficinas que exploram as coleções do Museu em diálogo com o território onde este se insere.

A exposição *Limbo* de Gonçalo Preto, apresentada no âmbito do Circuito de Exposições, tem como ponto de partida os herbários da coleção do Museu Carlos Machado e a forma como estas plantas se relacionam na natureza. Pode uma planta estar junto de outra na coleção de herbário, mas não na natureza? Porquê? Esta atividade propõe descobrir como é que as plantas se relacionam e criar novas paisagens inspiradas pela exposição.

Oficinas de Verão Walk&Talk

15 – 19 JUL
Pavilhão W&T e Quinta do Priôlo

6 – 11 anos / Gratuito / Por marcação
Mais informações e inscrições:
conhecimento@walktalkazores.org
(+351) 913 412 105

As Oficinas de Verão convidam os mais jovens a explorar diversos conteúdos do Walk&Talk - exposições de artes visuais, design, artesanato, arquitetura e a relação do festival com a cidade e a ilha, procurando estimular as suas capacidades críticas e pensamento abstrato.

As sessões têm a duração aproximada de 1h e destinam-se a participantes integrados em grupos de ATL (Atividades de Tempos Livres).

(Geo)grafia do corpo

O que acontece à geografia de uma ilha que é afetada por fenómenos da natureza, por alterações climáticas, por vulcões que de repente acordam ou até ondas gigantes? O que muda na sua identidade? Tal como uma ilha temos um corpo com linhas bem claras e definidas, desde a ponta dos cabelos à pontinha dos pés, rodeados de ar e por outros, tal como a ilha é rodeada por mar, céu, outras ilhas... Se esborratarmos um pouco as fronteiras do nosso corpo, da nossa perceção, o que acontece? O que muda na nossa identidade quando somos abalroados por mudanças ténues? Esta oficina brinca com a geografia do nosso corpo – vales, montanhas, rios, oceanos, planícies – para dar-lhe uma outra forma.

O corpo da RARA / a RARA no corpo

(a partir da Residência de Artesanato da Região dos Açores - RARA)

(um objeto pensa para si mesmo) Como fui pensado? E construído? Como é que uma ideia partiu de mim? Como é que uma coisa se transforma noutra coisa? Como é que de um entrançado de fios nasce um tecido ou de um emaranhado de caninhas uma cesta ou de lama se faz um vaso? Os objetos estão connosco todos os dias. Já fazem tão parte de nós que não conseguimos passar sem eles. E a sua história é já longa. Há milhões de anos que as pessoas começaram a fazê-los. E a natureza já os faz há mais tempo ainda! Foi dela que aprendemos e que continuamos a aprender. Esta oficina regressa a uma ideia primária: o nosso corpo é o objeto. E com ele vamos pesquisar, construir, pensar e desvendar como se chega da ideia, vontade ou desejo, até ao resultado final.

Oficina para pais e filhos

13 JUL / 15H
Pavilhão W&T

Famílias com crianças com + de 5 anos / Gratuito
Pré-inscrição obrigatória
Mais informações e inscrições:
conhecimento@walktalkazores.org
(+351) 913 412 105

Oficinas que convidam famílias a explorarem criativamente a programação do festival.

O projeto da artista Rain Wu para o Circuito Ilha baseia-se na história da ilha Sabrina - uma ilha que apareceu e desapareceu no meio do mar, para pensar sobre a imprevisibilidade da natureza e como nos relacionamos com ela. Esta oficina pretende fazer refletir sobre como nada é permanente, pensar na nossa ilha como foi outrora e como é agora. A partir daqui vamos construir a nossa ilha. Que plantas? Que animais? Que rochas? Que cheiro e que cores? Que forma terá? Que forma irá ganhar no futuro? Vamos construí-la?

Desenhar com... Gonçalo Preto

13 JUL / 14H30
Lagoa das Empadadas
Com Urban Sketchers Açores

Gratuito
Mais informações:
conhecimento@walktalkazores.org

"Desenhar com..." é uma atividade promovida pelos Urban Sketchers Açores que convida autores a partilharem a sua forma de explorar a prática do Desenho em caderno. São sessões informais de conversa e prática em torno do desenho, abertas a todas as pessoas que gostam de desenhar.

Workshop Cascas d'OvO

15 – 16 JUL / 17H – 20H
Estúdio 13

Pré-inscrição obrigatória até 8 de julho
Mais informações e inscrições:
joanacardoso@walktalkazores.org

Um workshop que é também um convite à participação na performance *Cascas d'OvO* de Jonas&Lander, que será apresentada no Estúdio 13, no dia 18 de julho. Todas as pessoas interessadas, com ou sem experiência, podem frequentar este workshop de dança e ritmo, onde a dupla de criadores propõe aguçar o sentido rítmico dos participantes e trabalhar o corpo como um instrumento musical. Exercícios coletivos para formar estruturas de composição sonora que também funcionam como campos de diálogo, os olhos fechados para ampliar a sensibilidade sonora e para ouvir o som antes da palavra.

Visitas Guiadas

Pontos de encontro:
8, 12 e 19 – Câmara Municipal PDL
9, 10, 11, 16, 17 e 18 – Pavilhão W&T

Vários locais / Gratuito

O Circuito de Exposições é formado por sete apresentações individuais em quatro espaços da cidade de Ponta Delgada, que resultam do trabalho realizado por artistas em contexto de residências no Walk&Talk. As visitas guiadas vão debruçar-se sobre a proposta curatorial de Sérgio Fazenda Rodrigues para explorar o processo e os projetos de cada um dos artistas. O percurso das visitas é alargado às exposições paralelas de Olivier Nottellet na Galeria Fonseca Macedo, de Madalena Correia no Instituto Cultural de Ponta Delgada e às oficinas onde decorrem as residências RARA.

8 JUL (segunda)
17H – 19H
PREFÁCIO PARA UM ARQUIPÉLAGO Maria Trabulo + **LIMBO** Gonçalo Preto + **RECETÁCULO** Rita GT + **EAST ATLANTIC** Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes + **TIMESHORES** Diana Vidrascu + **IN(SUL)AR** Mónica de Miranda

9 JUL (terça)
17H – 18H
LIMBO Gonçalo Preto + **RECETÁCULO** Rita GT

10 JUL (quarta)
17H – 18H
PREFÁCIO PARA UM ARQUIPÉLAGO Maria Trabulo + **EAST ATLANTIC** Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes

11 JUL (quinta)
17H – 18H
STRATA Andreia Santana + **TIMESHORES** Diana Vidrascu + **IN(SUL)AR** Mónica de Miranda

18H – 19H
LOADING Madalena Correia + **EMOTIONAL RESCUE** Olivier Nottellet

12 JUL (sexta)
17H – 19H
PREFÁCIO PARA UM ARQUIPÉLAGO Maria Trabulo + **LIMBO** Gonçalo Preto + **RECETÁCULO** Rita GT + **EAST ATLANTIC** Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes + **STRATA** Andreia Santana + **TIMESHORES** Diana Vidrascu + **IN(SUL)AR** Mónica de Miranda

16 JUL (terça)
17H – 18H
LIMBO Gonçalo Preto + **RECETÁCULO** Rita GT

17 JUL (quarta)
17H – 18H
PREFÁCIO PARA UM ARQUIPÉLAGO Maria Trabulo + **EAST ATLANTIC** Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes

18H – 19H
RESIDÊNCIAS RARA Com o curador, designers e artesãos (Quinta do Priôlo)

18 JUL (quinta)
17H – 18H
STRATA Andreia Santana + **TIMESHORES** Diana Vidrascu + **IN(SUL)AR** Mónica de Miranda

18H – 19H
RESIDÊNCIAS RARA Com o curador, designers e artesãos (Quinta do Priôlo)

19 jul (sexta)
17H – 19H
PREFÁCIO PARA UM ARQUIPÉLAGO Maria Trabulo + **LIMBO** Gonçalo Preto + **RECETÁCULO** Rita GT + **EAST ATLANTIC** Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes + **STRATA** Andreia Santana; **TIMESHORES** Diana Vidrascu + **IN(SUL)AR** Mónica de Miranda

Percursos Temáticos

Pré-inscrição obrigatória / 15 € por visita
Ponto de encontro: Pavilhão W&T
Mais informações e inscrições:
info@talkie-walkie.eu
(+351) 936 403 999

Existe o Walk&Talk e existe o Talkie-Walkie, um projeto com sede no Porto, fundado pelas arquitetas Ana Vieira e Matilde Seabra, que desenham programas de viagem para amantes da cultura e das artes. Em São Miguel, inspirada pelo património do Walk&Talk, a equipa TW foi conhecer as gentes da ilha, ouvir as suas histórias reais ou efabuladas, descobrir casas e coleções privadas, a arquitetura local e as tecnologias da paisagem. Exploraram ainda recantos inusitados e novos olhares sobre lugares de visita obrigatória que escapam aos visitantes de passagem, e até a muitos micaelenses. Esta aventura concretiza-se em três percursos temáticos que convidam a compreender a ilha pela sua estratigrafia geológica, mas também social, com as pessoas que nela habitam e a transformam.

O que chegará à Ilha, daqui não sairá

5 JUL / 10H – 16H
Especialista convidado: Pedro Pascoal de Melo

De Ponta Delgada a Vila Franca do Campo, com paragens ao longo da estrada regional para degustação, contemplação e visita a uma casa e coleção privadas muito especiais.

Memórias da paisagem construída sobre um solo imprevisível

8 JUL / 10H – 16H
Especialista convidado: Rui Coutinho

Percorrer as concavidades e "melted mountains" da Lagoa das Sete Cidades, visitar a Pedreira de Caboucos, a casa e as residências artísticas Pico do Refúgio.

Para Além da Paisagem

9 JUL / 10H – 16h
Especialista convidada: Diana Diegues

Um olhar sobre a arquitetura de São Miguel com visitas à Quinta da Tília, do arquiteto Pedro Maurício Borges, ao Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, da dupla Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos, e à paisagem industrial em ruina na Costa Norte.

Recomenda-se aos participantes o uso de calçado confortável. Os almoços são livres e não estão incluídos no valor de inscrição. O programa está sujeito a atualizações.

Talk About

Pavilhão W&T

Talk About #1

Eu Vejo Género

9 JUL / 21H30
Ana Cristina Cachola
Curadora e Professora Universitária

A prática curatorial e toda a ética que lhe está inerente (recordando aqui a grande diferença entre ética e moral) já não pode esconder-se atrás da falácia "Eu não vejo género". *É comum dizer-se que não se pensa no género do ou da artista quando se atenta a uma obra de arte. Mas é necessário reconhecer que uma obra de arte é sempre resultado de uma série de processos sociais que são invisíveis no momento em que a contemplamos. Antes de uma obra ser exposta numa galeria, num museu, ou num livro de história da arte, ela passou por um conjunto de instâncias de exclusão e legitimação social em que categorias de género operam de forma sistémica* (in revista *Contemporânea (In)visibilidades de género: práticas feministas na produção artística contemporânea*, março de 2017, por Ana Cristina Cachola, Daniela Agostinho e Joana Mayer).

Talk About #2

De dioramas persistentes a panoramas em transformação Como escrever uma "outra" História da Ilha sem novas visões?

16 JUL / 21H30
Dalia de la Rosa e Lola Barrena
Solar. Accíon Cultural

As curadoras Dalia de la Rosa e Lola Barrena, através da associação *Solar. Acción Cultural*, com sede em Tenerife nas Canárias, estão especialmente concentradas na investigação do conceito de "ilha".
As Canárias – Tenerife, são tanto uma ilha como os Açores – São Miguel, e constituem a matéria-prima a partir da qual se formula a questão de partida desta conversa. Ambos os arquipélagos pertencem ao território da Macaronésia e partilham, não só a mesma origem geológica e especificidades naturais, bem como um conjunto de circunstâncias atuais que os definem – desde a necessidade de repensar o advérbio "longe" até à sua emergência nas questões artísticas contemporâneas. Uma conversa aberta a todas as pessoas interessadas em refletir e conversar sobre o seu território, a partir de estratégias que permitam mudar as perspetivas e gerar novas formas de narrar a história, incorporando relatos tangenciais, adjacentes, divergentes ou simples sugestões.

Esta TALK ABOUT conta com o apoio da Acción Cultural Española.

Brunch&Talk

Pavilhão W&T
Conversa: Gratuita / Brunch: 5€

O Brunch&Talk reúne curadores, artistas, agentes culturais e o público para dar a conhecer a fundo projetos que estão a ser desenvolvidos no contexto do Walk&Talk. Processos, experiências e expetativas serão o foco destas conversas aos sábados, com brunch servido pelo restaurante *Q'énosso*.

Brunch&Talk #1
6 JUL / 12H – 14H
Circuito Ilha: *Expedição Empatia*
Conversa com os curadores e artistas.

Brunch&Talk #2
13 JUL / 12H – 14H
PARES - Programa de Apoio à Atividade Artística nos Açores é o mais recente projeto da associação cultural Anda&Fala e destina-se a artistas e agentes culturais que trabalham ou desenvolvem a sua atividades na região. Nesta conversa vamos conhecer os vencedores da primeira fase do PARES 2019, falar sobre as atividades e projetos que têm em curso.

Brunch&Talk #3
20 JUL / 12H – 14H
Residentes W&T - Conversa com os artistas em residência no Programa de Residências Artísticas Walk&Talk 2019/20, sobre as investigações em curso e as suas vivências do festival.

Open Studios

Gratuito

Estúdios, ateliers e galerias de artistas que trabalham em São Miguel apresentam novos projetos ou abrem as suas portas especialmente para acolher visitantes durante o festival Walk&Talk. Um roteiro de seis espaços distintos que dá a conhecer o tecido artístico da ilha, os artistas e agentes que o tornam um contexto cada vez mais plural e ativo.

Brui Galeria
Exposição Greg le Lay, Diogo Sousa
11 E 18 JUL / 18H – 20H
RUA D'ÁGUA, 46
PONTA DELGADA

Brum Atelier
Beatriz Brum
10 E 17 JUL / 18H – 20H
RUA DIREITA DAS ALMINHAS, 4 LAGOA

MIOLO Galeria
Exposição Kol de Carvalho, Greg le Lay
11 E 18 JUL / 18H – 20H
RUA PEDRO HOMEM, 47 PONTA DELGADA

Oficina
11 E 18 JUL / 18H – 20H
RUA ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA, 10
PONTA DELGADA

Papel da Lua
Anne Bruyere
11 E 18 JUL / 18H – 20H
RUA D'ÁGUA, 48
PONTA DELGADA

Santos 45
Beatriz Victorino, Diogo Sousa, Filipe Franco, Luís Brum e Vanessa Branco
10 E 17 JUL / 18H – 20H
RUA PRAIA DOS SANTOS, 45 SÃO ROQUE

O Circuito de Residências apresenta os artistas em residência no festival, entre estes os vencedores das chamadas anuais para o Walk&Talk, artistas convidados pela direção artística e curadores, e os designers que colaboram com artesãos açorianos na criação de novos objetos RARA. Os artistas participantes no Programa de Residências Artísticas desenvolvem o seu trabalho, habitualmente, entre duas edições do festival, um período que lhes permite investigar no contexto açoriano, beneficiar de orientação artística e curatorial, produzir e apresentar novos trabalhos, tomem estes a forma de exposição, instalação, objeto ou performance. Em 2019, o Walk&Talk acolhe 11 novos nomes, num total de 14 artistas e coletivos com residências em curso nas áreas da arte, cinema, arquitetura e música.

Abbas Akhavan
Artes Visuais

© ABBAS AKHAVAN

O trabalho de Abbas Akhavan compreende desde instalações efémeras e *site-specific* a desenho, vídeo, escultura e performance. A direção da sua pesquisa é profundamente influenciada pela especificidade dos locais onde trabalha: as arquiteturas que os abrigam, as economias que os cercam e as pessoas que os frequentam. A esfera doméstica, que o artista propõe como um espaço bifurcado entre hospitalidade e hostilidade, tem sido uma área de estudo continuada na sua prática. Os seus trabalhos mais recentes vagueiam por espaços e espécies que estão mesmo do lado de fora da casa: o jardim, o quintal e outras paisagens domesticadas.

Desejoso de aprender novas etiquetas, a sua residência nos Açores será uma oportunidade para visitar vários locais, com o propósito de recolher material formal e conceptual que, espera, seja frutífero para a realização de um futuro projeto no Walk&Talk.

Alex Farrar
Artes Visuais

© JACK CAWOOD

Alex Farrar vai usar a sua residência em São Miguel para desenvolver um conjunto de invenções nos Açores para o festival Walk&Talk do próximo ano. Além de se envolver com a edição deste ano e com os seus participantes, Farrar pretende explorar atentamente locais, materiais e técnicas encontradas na ilha, abrindo espaço a um resultado indefinido que venha a refletir sobre a sua experiência nos Açores.

Com uma abordagem sistémica da arte, Farrar produz agrupamentos concentrados de obras, que recentemente passaram a focar-se no corpo como um espaço liminar entre o interior psicológico e a vida social. Recorrendo, muitas vezes, ao humor e a relações escultóricas complexas, entre materiais e as suas formas, Farrar interseta experiências de incorporação com estratégias que convocam o método crítico-paranóico de Salvador Dali, a psicogeografia dos Situacionistas e a patafísica de Alfred Jarry.

Alice dos Reis
Artes Visuais

© ALICE DOS REIS

Alice dos Reis vai trabalhar sobre a ilha de Santa Maria nos Açores. Uma ilha de singularidade geológica e paleontológica, onde está prevista a construção da primeira estação espacial Europeia *low--cost*. Localizada no meio do Atlântico, acredita-se que Santa Maria seja uma das possíveis localizações da cidade perdida de Atlântida como descrita por Platão. Partindo deste mito de uma civilização utópica e tecnologicamente avançada que sucumbiu devido à sua sofreguidão, o projeto de Alice dos Reis considera uma série de ficções alternativas aos projetos de exploração espacial contemporâneos. A pesquisa, que irá convergir principalmente numa curta-metragem, fará uso de ficção especulativa e do formato de documentário experimental para re-imaginar possíveis futuros e cosmologias da ilha, no contexto do seu rápido desenvolvimento em porto para viagens espaciais.

Danny Bracken
Artes Visuais

© DANNY BRACKEN

TURN OF THE SEA (Título provisório)
Danny Bracken é um artista e músico que explora a mudança tecnológica, o seu impacto nas nossas perceções e nas experiências das pessoas e lugares que nos cercam. Os seus projetos incorporam vídeo, som e objetos físicos, variando de instalações a esculturas de pequena escala e material impresso para lançamento de discos. O seu trabalho investiga a tensão entre o nosso idealismo sobre o futuro, a nostalgia pelo passado e um momento presente cada vez mais conflituoso.
É com tudo isto em mente que Bracken se aproxima à sua residência no Walk&Talk. Enquanto estiver nos Açores, estará a considerar a história única das ilhas como um lugar entre o novo e o velho, metaforicamente e na prática.
O título provisório do seu projeto, *Turn of the Sea*, é uma referência à técnica de navegação aperfeiçoada pelos navegadores portugueses, que apoiou significativamente a expansão e influência europeia em todo o mundo. Usando uma combinação de ventos alísios e correntes oceânicas, os exploradores usaram um método de navegação contra-intuitivo para viajar grandes distâncias. Bracken aplicará essas ideias como ponto de partida e introdução à residência.

Luísa Salvador
Artes Visuais

© JURAJ KOSTURIK

DA MATÉRIA INACABADA DO TEMPO FAZ UMA PROMESSA (Título provisório)
O trabalho de Luísa Salvador focar-se-á na conceção de tempo geológico, um tempo que é pré e pós-histórico. Partindo da matéria vulcânica, a artista começou por interessar-se sobre a formação e composição das ilhas açorianas, tendo por ponto de partida diversos elementos geológicos, diferentes tipos de rochas e minerais e também fósseis vulcânicos. Estes últimos serão matéria de arranque para uma instalação ao ar livre, composta por várias esculturas de dimensões diversas, na Ponta da Ferraria. Paralelamente, haverá um outro momento expositivo onde apresentará um conjunto de desenhos relacionados com a erosão e sedimentação geológica.

Michelle Blades, Vaiapraia e Tomás Paula Marques
Música e Documentário

© MICHELLE BLADES

Absorvidos pelas possibilidades que São Miguel oferece, o trio multifacetado composto por Michelle Blades, Vaiapraia e Tomás Paula Marques, junta-se para desenvolver um conjunto de trabalhos que exploram da música ao cinema e da experimentação audiovisual ao *storytelling*, enquanto ofício comum. O projeto parte do cruzamento do trabalho musical de Blades e Vaiapraia, sendo possível intercetar estilos e esbater as suas fronteiras, considerando temáticas como a exploração de noções flutuantes de identidade e a procura do sentido de pertença, numa perspetiva autobiográfica imersa pelos contextos sociopolíticos atuais.

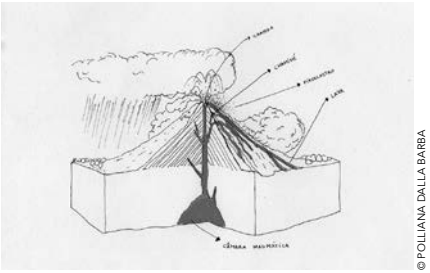
Deste encontro, resultará um concerto durante o festival, um EP com temas inéditos e uma curta-metragem doc-ficção, nascida do espectro de reflexões e experiências vividas em residência.

Nadia Belerique
Artes Visuais

© NADIA BELERIQUE

HOUSE HEAD (WHAT IS A FLOOD) (Título provisório)
Motivada por um compromisso muito próximo com o desempenho das imagens no momento atual, a artista Nadia Belerique, que vive e trabalha em Toronto, combina a fotografia e a instalação para acompanhar a relação mutável entre o percetivo, o psicológico e o representacional. Explorando, com frequência, os limites da imagem fotográfica - real e imaginada, os trabalhos de Belerique encenam cenas que confundem ou combinam figura e fundo, imagem e objeto, significante e significado. Descendente de açorianos, esta residência será a primeira vez que a artista se envolverá diretamente com as ilhas. Em linha com os seus projetos anteriores, *Bed Island* (2016), e *The Weather Channel* (2018), a pesquisa de Belerique sobre o fenómeno metafórico e psicológico da ilha-enquanto-corpo, face ao advento do aumento do nível do mar, alcançará um foco mais pessoal e histórico, e fará uma referência específica a estas relevantes nove ilhas no centro do oceano Atlântico.

Polliana Dalla Barba
Artes Visuais

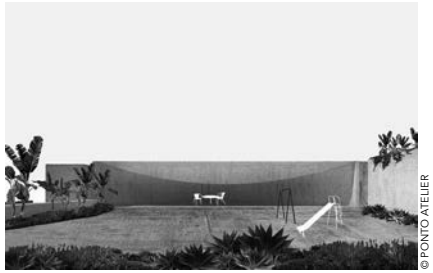


© POLLIANA DALLA BARBA

ZONA DOS MISTÉRIOS
O projeto *Zona dos Mistérios* tem por objetivo criar um conjunto de trabalhos - que pode incluir desenhos, pinturas, colagens, fotos, vídeos, textos e outros media, a partir da vivência e experiências obtidas pela investigação dos vulcões nos Açores, bem como observar e analisar os efeitos e impactos do Vulcão na configuração social e, consequentemente, na produção cultural das comunidades que vivem ao seu redor.

Zona dos Mistérios dialoga com a expansão do espaço artístico conquistado a partir dos anos 60 do séc. XX, particularmente pela *Land Art*. Esse processo de desmantelamento do objeto artístico enquanto universo fechado, teve como consequência a expansão do conceito de obra de arte e resultou na absorção de um contexto mais ampliado, onde diferentes meios artísticos se tocam e entrecruzam.
Os temas constituintes do trabalho são definidos por relações culturais - produção literária, manifestações folclóricas e religiosas, e relações geológicas - vulcão.

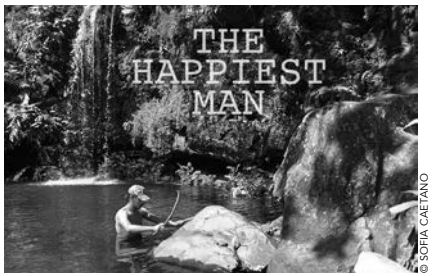
Ponto Atelier
Arquitetura


© PONTO ATELIER

Uma equipa de três jovens arquitetos que trabalham e vivem na Madeira, pretende encontrar outros dialetos.
A arquitetura como linguagem produz dialetos regionais que interessa entender, explorar e experimentar, espaços que evoluem como um organismo vivo, endémico. Procuram pequenos elementos arquitetónicos, que constroem espaços com a mesma proporção entre arquipélagos.

Ser ilhéu é diferente, mas entre arquipélagos é comum. Entre línguas, regionalismos, culturas e costumes, a influência Atlântica traz a arquitetura para um campo elementar: a proximidade simultânea entre a terra e o mar.
Interessa-lhes entender a diversidade dentro desta comunidade de arquipélagos e os espaços que os tornam comuns.
Bem como, falar dos espaços ou elementos que caracterizam os locais, pequenas operações arquitetónicas que foram sendo construídas ao longo dos tempos nestes territórios e que com o tempo vão passando despercebidas: os muros de pedra arrumada, as torres mirantes dos Açores, ou os socalcos de basalto e as casinhas de prazeres da Madeira. Interessa-lhes falar e entender espaços que são tão diversos e encontrar o fator comum e insular.

Sofia Caetano & Elliot Sheedy
Cinema



© SOFIA CAETANO

THE HAPPIEST MAN
Um filme de ficção científica e comédia musical de Sofia Caetano com Elliot Sheedy.
Em residência desde 2018 para a escrita do argumento, este projeto volta ao Walk&Talk em 2019 para a primeira fase de rodagens em zonas mágicas da ilha de São Miguel, como as Sete Cidades e Furnas.

O filme conta a história de um homem das cavernas do futuro que faz música com o seu corvo de estimação. Quando o animal adoece, o homem vê-se obrigado a procurar uma cura numa cidade pós-apocalíptica.

JOVENS CRIADORES

Jovens Criadores é uma chamada aberta a jovens nascidos ou residentes nos Açores, com até 30 anos de idade. Concretiza-se na atribuição anual de duas bolsas de criação, integradas no Programa de Residências Artísticas Walk&Talk, com acompanhamento curatorial e de produção durante o período de um ano. Joana Franco e Margarida Fragueiro são as vencedoras dos Jovens Criadores 2019, iniciam as suas residências no festival e apresentam os projetos finais na edição de 2020.

Joana Franco
Artes Visuais

Os trabalhos que Joana Franco tem produzido, intencionalmente ou não, focam-se no 'Indivíduo', na definição ou nas variações da palavra. A artista tem uma grande necessidade de descobrir tudo o que há para saber sobre a essência do ser humano. Este tópico intriga-a, pelo que pretende trabalhá-lo de modo a torná-lo visível e para que possa absorvê-lo.
O foco no 'Indivíduo' surgiu da sua participação no concurso Medeiros Cabral, onde apresentou uma série de imagens com a sua cara a *Fazer-me noutro*.
Enquanto experimentava, surgiram-lhe novas e inúmeras possibilidades.
Como é que a essência do indivíduo se relaciona com o objeto, o movimento, e a forma? Tal como na Filosofia, não responde, só pergunta. E esta questão será o seu foco durante o período de residência no Walk&Talk.

Margarida Fragueiro
Artes Visuais

Flutuações Pendentes é o recomeçar de um projeto que a artista tem pendente e que tem na sua génese as raízes açorianas.
O projeto orbita originalmente em torno da bóia, um objeto flutuante que pode gerar uma imagética entre o cómico e o profundo, dado os seus diversos formatos e funções, que vão, por exemplo, desde a bóia salva-vidas à bóia recreativa em forma de crocodilo. Outro fator que instiga Margarida Fragueiro a investigar este objeto, e outros relacionados, é o eventual aparecimento de cracas na parte da bóia que está em contacto com o mar, processo que a faz pensar sobre o poder do contexto/ambiente no ser. Na sua última viagem ao Faial foi em busca de bóias e neste projeto pretende expandir essa busca a outras ilhas, bem como recolher outros objetos e sons.
O propósito será usar os materiais recolhidos como inspiração e elementos do próprio trabalho, que a artista antevê tome a forma de instalação sonora, para permitir explorar os ambientes que circundam a bóia, flutuando entre factos e imaginação.

© MIGUEL FLOR

RARA

RARA - Residência de Artesanato da Região dos Açores, volta a reunir em São Miguel designers convidados pelo curador Miguel Flor para trabalharem na criação de novos objetos com artesãos locais. Filipe Alarcão e Soraia Gomes Teixeira vão colaborar com os artesãos Horácio Raposo e Alcídio Andrade, cruzar saberes ancestrais com visões contemporâneas e explorar matérias-primas e técnicas, como a madeira e o vime.

Ao longo de seis edições, as residências RARA têm valorizado o artesanato e os artesãos açorianos, inovando na criação de objetos que constituem o portefólio da marca homónima.

Alguns destes objetos estão disponíveis para venda e a sua receita apoia a atividade dos artesãos e a continuidade das residências, que também contam com o apoio da Embaixada dos EUA e são acolhidas pela Quinta do Priôlo e a Associação Arrisca.

O Circuito Performativo reúne o programa de artes performativas do festival, com projetos de música, dança, teatro ou híbridos, resultantes de colaborações e cruzamentos artísticos usuais no contexto contemporâneo. Em 2019, este circuito apresenta espetáculos em itinerância, projetos coproduzidos pelo Walk&Talk ou em parceria com o Teatro Micaelense e Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, e em dois espaços associados, o Estúdio 13 e o Sentado em Pé Bar & Lounge. O principal palco, ponto de encontro e pista de dança do festival é o Pavilhão W&T, que acolhe propostas que vão desde o *Tarraxo* ao *Techno* e da performance ao vídeo, criadas por artistas, músicos e DJs, alguns em estreia absoluta nos Açores, que refletem sobre identidade, género e as relações entre tecnologia e natureza – questões que são transversais na programação do festival.

5 JUL / 21H30

At the still point of the turning world

Joana Gama, Luís Fernandes, José Alberto Gomes, Miguel C. Tavares

TEATRO MICAELENSE / 7,5€

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Teatro

At the still point of the turning world resulta da colaboração regular entre Joana Gama e Luís Fernandes num projeto que cruza piano e eletrónica. Aqui a música viaja num espaço amplo, percorrendo rotas que entram em permanente choque. No choque percebe-se que não há conflito, mas sim uma explosão de sons que iluminam um espaço que começa escuro.
No Walk&Talk, o projeto apresenta-se com o Conservatório Regional de Ponta Delgada, video de Miguel C. Tavares e orquestração de José Alberto Gomes.

Piano e Composição Joana Gama
Eletrónica e Composição Luís Fernandes
Direção e Orquestração/Arranjos José Alberto Gomes
Emsemble Conservatório Regional de Ponta Delgada
Vídeo Miguel C. Tavares

Duração 1h

SEX 05 JUL

FESTA DE ABERTURA

PAVILHÃO W&T

22H30 Chima Hiro (DJ Set)

© LUISA FERREIRA

Antes de tudo, Chima Hiro é uma fã de música. Isso manifesta-se na forma como dança e na forma como já procurava malhas especiais nos recantos mais inesperados, bem antes de sequer sonhar vir a ser DJ. As faixas que escolhe para os seus *sets* abraçam um espectro tão expansivo e surpreendente como o seu gosto inatacável. *Moody* mas também colorida, inovadora mas arquétipal - é música que vai do *New Age* ao *Jazz*, passando por *beats* distorcidos sobre linhas *Acid*, tanto quanto por *House* melodioso e inspirador.

01H DJ NinOo

© MARTA PINA

DJ NinOo é um dos tropas da Firma do Txiga, coletivo que reúne ainda Puto Anderson, K30 e Wayne. Em 2017, o disco de estreia homónimo - "Firma do Txiga", com 3 singles de vinil de 7 polegas, colecionou a diversidade estilística dos seus autores, confirmando um DJ NinOo particularmente romântico e elegante nas suas produções, sendo que nos seus DJ *sets* não se coíbe de mostrar a predileção pelas cambiantes que navegam entre o *Tarraxo* e os tempos dos seus *Houses* certeiros.

6 JUL / 22H

Mondkopf

Timeshores

PAVILHÃO W&T

© DIANA VIDRASCU

Paul Régimbeau, também conhecido como Mondkopf, é um nome familiar em festivais internacionais de música e tem vindo a provar os seus talentos em performances ao vivo, dando à sua música ambiente e melódica um poder e estilo inspirados pelo *Metal* extremo.

A sua performance no festival Walk&Talk será uma interpretação musical do novo projeto de Diana Vidrascu, *Timeshores*, artista com quem colabora há dois anos. Mondkopf irá improvisar ao vivo sobre as imagens de 16mm e as gravações que Diana captou nos Açores, enquanto filmava o documentário que pode ser visto no Circuito de Exposições do festival.

6 JUL / 23H
Colin Self
Siblings
PAVILHÃO W&T

© JOHNATHAN GRASSI

Colin Self é um artista e compositor. Cria música, performances e ambientes como dispositivos para problematizar e alterar os limites da perceção. Desde os seus anos de formação, em que seguia os espetáculos dos Riot Grrrl em Oregon (EUA), Self transita de um carácter *DIY* ("faça você mesmo") para um espaço *Do-It-Together* ("faça em conjunto"). O seu portfólio abarca projetos que vão desde uma DIS Magazine *boy band* e o *ensemble drag* Chez Deep, até ao Holly Herndon A/V Trio, que esteve em digressão com os Radiohead. Self co-escreveu a opereta *The Fool* (*Elation V*) com o artista Raul De Nieves. *Siblings* (*Elation VI*), o seu segundo álbum, propõe um meio alternativo de relação, criando interfaces com software biológico e tecnológico. Como capítulo final da série da opereta especulativa *sci-fi* - *Elation*, o álbum Siblings tem sido interpretado com humor, drama e um canto feroz e sincero.

6 JUL / 01H
Line of Two (DJ Set)
PAVILHÃO W&T

© MIGUEL FLOR

A cumplicidade entre Miguel Flor e Nuno Paiva eletrifica desde 2006 as pistas de dança com uma sonoridade que passa por várias tonalidades, mas que tem no *Techno* a sua essência. Entre Lisboa e Porto, destacam-se passagens pelo Lux Frágil, Rive Rouge, Passos Manuel, Plano B, e em eventos na Casa da Música e na Noite dos Museus no Museu Nacional de Arte Antiga. De regresso a Ponta Delgada e aos comandos da pista de dança do festival Walk&Talk, sentem-se, literalmente, em casa e, também por isso, esta noite a dois pode ter sempre resultados surpreendentes.

7 JUL / 19H
East Atlantic
Miguel C. Tavares & José Alberto Gomes
ARQUIPÉLAGO - CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS

Gratuito / Lotação limitada

© MIGUEL C. TAVARES

Inspirados pela viagem de Raúl Brandão ao arquipélago dos Açores em 1924, Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes viajaram durante dez dias a bordo do navio de carga "Corvo", partindo de Lisboa e passando pelas ilhas de São Miguel, Faial, Terceira, Flores e Pico. Com *East Atlantic* apresentam a criação de uma peça audiovisual em formato filme-concerto que traduz esse imaginário em imagens e sons, tendo como temática o arquipélago açoriano e a sua condição insular. Num espaço híbrido entre o documentário e o objeto artístico, o trabalho explora e representa o carácter dicotómico insular, tanto sedutor e atraente como prisioneiro e claustrofóbico.

Com estreia absoluta no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, o espetáculo será marcado, tanto a nível sonoro como visual, por uma forte componente performativa, tirando partido das potencialidades espaciais da *Blackbox*, num ambiente imersivo, incerto e abstrato.

East Atlantic ocupa um contentor que se forma contexto e componente da apresentação do projeto no Circuito de Exposições.

11 JUL / 22H30
Low Lumens
PAVILHÃO W&T

© DANNY BRACKEN

O artista audiovisual Danny Bracken cria música eletrónica melódica com o nome de Low Lumens. Bracken foi membro do coletivo musical de Chicago - Anathallo, com quem atuou centenas de vezes pela América do Norte, Europa e Japão, e lançou o álbum final da banda, produzido pela Anticon. Bracken iniciou o projeto Low Lumens com o lançamento de *Dawn/Dusk*, em 2014, seguido por *The Distant, Everyday*, em 2017. Em 2018, juntou-se ao artista e realizador Samm Hodges para criar uma performance dinâmica, usando animações projetadas que são acionadas e manipuladas ao vivo através da música.

Músico e artista, que incorpora nos seus projetos vídeo, som e objetos físicos, o multifacetado Braken é também um dos artistas que inicia residência no Walk&Talk em 2019.

12 JUL / 22H30
A Lake By The Moon
PAVILHÃO W&T

© A LAKE BY THE MOON

A Lake By The Moon resulta num ato de libertação de si próprio e em relação ao que o rodeia, criando pequenos cosmos através da imagem e som e permitindo a entrada a quem o vê e ouve. É um abrir de braços honesto, terapia intuitiva, quase tátil, sem barreiras de género, nomes ou espetros. Segue na sua fluidez de sentimento e de interatividade, incentivando e convidando os impulsos do ouvinte, provando que ninguém é firme e sólido. Campo de expressão sem limites, o seu projeto serve, sobretudo, como exercício de comunicação, tanto interior como exterior, através de suaves sonoridades experimentais.

12 JUL / 00H
Terror Sound System
PAVILHÃO W&T

© TERROR SOUND SYSTEM

Fundada no Porto, a editora T E R R O R materializa um teratoma oblíquo onde o *Funk Carioca*, o *Reggaeton*, o *Dancehall* e o *Gqom* colidem em veículos hiper-digitais, solidificando-se em produções híbridas, assinadas por um coletivo de artistas transdisciplinares composto por Diogo Tutela, Frankão, Jonathan Uliel Saldanha e Luís Kasprzykowski. Enquanto braço operacional da editora, o Terror Sound System é o mecanismo que, através de uma articulação entre o *DJ Set*, o concerto e a sessão de improvisação, difunde os conteúdos produzidos pelo coletivo, assim como manipulações do seu universo circunscrito.

12 e 13 JUL / 23H30
Silent Disco
Alfredo Martins
SENTADO EM PÉ / 5€

Bilhetes disponíveis no Pavilhão W&T e no espaço de apresentação 30 minutos antes do espetáculo. Lotação limitada

© ANA FERREIRA

Silent Disco é um espetáculo imersivo que acontece em discotecas, explorando o potencial da tecnologia das festas 'silent disco'. O público forma uma comunidade temporária que é guiada guiada através de auscultadores pelo espaço vazio da discoteca, reformulando e problematizando a experiência, hoje vulgarizada, das festas em discotecas, onde a multidão se reúne para cada um dançar a sua própria música, isolado dos outros pelo som que escuta nos seus fones.

Identidades espetaculares, sexualidades múltiplas, consumos hedonistas, fisicalidade crua – poderão constituir-se práticas políticas de resistência?
O ator e encenador Alfredo Martins convida o bailarino e coreógrafo Marco da Silva Ferreira para uma criação colaborativa que reflete sobre identidade de género e *Clubbing*, sobre comunidades temporárias e a dança.

Direção artística Alfredo Martins
Co-Criação e Interpretação
Alfredo Martins e Marco da Silva Ferreira
Acompanhamento dramatúrgico
Teresa Fradique e Pedro Marum
Música e Desenho de som Rui Lima e Sérgio Martins
Desenho de luz Joana Mário
Desenho gráfico Ricardo Barbeito
Produção executiva Daniela Ribeiro

Duração 50 min

13 JUL / 21H30
Lento e Largo
Jonas&Lander
TEATRO MICAELENSE / 7,5€

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Teatro

© TIAGO COELHO

Lento e Largo é a mais recente criação de Jonas&Lander, onde inscrevem performers robóticos e humanos para criar um apocalipse visual. Numa paisagem irreal, ambas as entidades irão socializar, dançar, beijar, ordenar e obedecer, de igual para igual. São explorados os limites de virtuosismo performativo, mais ou menos subtil, de cada performer. A capacidade robótica de voar sobre a audiência contrasta com a capacidade humana de beijar, dilatando e esbatendo as fronteiras de ação de cada organismo.

Direção Artística, Coreografia e Interpretação
Jonas Lopes e Lander Patrick
Interpretação Lewis Seivwright,
Mathilde Bonicel, Francisca Pinto
Cenografia e Adereços Rita Torrão
Cenografia e Desenho Luz Rui Daniel
Direção Técnica Bruno Santos
Assistência Técnica e à Robótica
Joana Mário e Filipe Metelo
Gestão e Produção Patrícia Soares

Duração 1h30

SÁB 13 JUL

ARRAIAL WALK&TALK

PAVILHÃO W&T

18H Paco Piri Piri + Las Mákinas

23H Pedro Mafama

© FILIPA PINTO MACHADO

Pedro Mafama apresenta uma proposta profundamente original, reclamando o Fado como um dos sinais a acusar no seu amplo radar, capaz de captar igualmente o pulsar do *Kuduro* ou o lado mais sombrio do *Trap*.

Estreou-se na cena musical com o lançamento do EP *Má Fama*, seguindo-se *Tanto Sal*, que trouxe *Jazigo*, tema com tanto de Fado como de outra coisa qualquer que não se percebe, mas se sente, e ainda *Arder Contigo*, sensual e marcial retrato de uma emoção que por vezes nos invade, sem que a consigamos controlar. Agora, Pedro Mafama está disposto a espalhar o seu veneno, como um Lacrau.

00H King Kami (DJ Set)

© XXMPA

King Kami é uma das metades da cara//vag//yo, o duo de DJs com clima explosivo e envolvente. Também acompanha Pedro Mafama em palco nos seus fados de *beats* inquietantes. Aqui, como King Kami, absorve a influência do Nordeste brasileiro e mistura-o com o seu amor por *Technobrega*, bem como pela junção de *Funk* e *Bregafunk* nos seus *sets*.

02H DJ Desculpa

17 JUL / 21H30

Cascas d'OvO

Jonas&Lander

ESTÚDIO 13 / 5€

Bilhetes disponíveis no Pavilhão W&T e no espaço de apresentação 30 minutos antes do espetáculo. Lotação limitada

© JONAS&LANDER

Cascas d'OvO nasceu da necessidade de explorar uma comunicação telepática, sobre-humana, enquanto expoente máximo da conexão relacional de um casal. *Cascas d'OvO* oferece a experiência de uma nova dimensão de diálogo, onde se repensam as relações sociais e as suas formas de expressão: o teatro como microcosmos da sociedade que submerge o público no silêncio e na música de corpos que comunicam.

Conceito e Coreografia Lander Patrick
Interpretação Jonas Lopes e Lander Patrick
Assistência Dramatúrgica Jonas Lopes
Desenho de Luz Lander Patrick e Rui Daniel
Operação de Luz Rui Daniel, Cristóvão Cunha e Carlos Ramos
Apoio à Internacionalização Fundação Calouste Gulbenkian
Coprodução Festival Materiais Diversos

Duração 45 min
Classificação etária + 16 anos

Workshop Cascas d'OvO: 15 e 16 JUL
Mais info na página 6

18 JUL / 21H30

Burning Pricks

Antonio Branco & Riccardo T

ARQUIPÉLAGO - CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS / 5€

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Arquipélago. Lotação limitada

© HOLLY REVELL

Numa performance iconoclasta, dois indivíduos interagem de imagem para imagem, num fluxo de dor, verdade e hipocrisia. Lêem declarações de natureza política e filosófica, enquanto completam atos violentos e sexuais, transformando a performance numa palestra radical sobre virilidade, feminilidade, sexualidade contemporânea, pornografia, poliamor, e normas de género. A performance existe através de um "guião" conceptual.
A peça nunca é ensaiada e requer mudança constante dependendo do espaço e contexto onde é apresentada.
Para o Walk&Talk, os artistas criaram uma instalação que funciona por si só, mas também como espaço para a performance.

Classificação etária + 16 anos

19 JUL / 22H30
Michelle Blades + Vaiapraia
PAVILHÃO W&T

© MICHELLE BLADES

Em residência no festival Walk&Talk para criar um EP com temas inéditos e uma curta-metragem doc-ficção com o realizador Tomás Paula Marques, o concerto-performance que a dupla Michelle Blades e Vaiapraia se propõem apresentar vai já refletir a sua experiência nos Açores. Em palco, vão intercetar estilos pessoais para assinalar uma das etapas de uma investigação mais ampla, que explora desde a música ao cinema para abordar identidades flutuantes e sentidos de pertença.

19 JUL / 00H
Clara! (DJ Set)
PAVILHÃO W&T

© CO QUEIJIN

Parte do coletivo PRR! PRR!, Clara! faz misturas heterogéneas de *hopping tempo*, com música de diferentes origens e ambientes culturais e guiada pela curiosidade, humor e um forte amor pela dança. Em 2016, assinou *Reggaetoneras 2 and 3*, uma *mixtape* 100% feminina de *MCs* de *Reggaeton*, com ritmos desde os anos 90 do séc. XX até aos dias de hoje. Um projeto cheio de bateria rude e ganchos alavancados por grandes sucessos de dança, misturado com esquetes e edições pessoais. Em 2018 lançou o seu primeiro EP solo - *Clara! y Maoupa - Meneo*, ao lado de Maoupa Mazzocchetti, onde canta a sua raiva, sarcasmo e sedução, nas suas próprias batidas de *Reggaeton*.

20 JUL / 22H30
Vessel & Pedro Maia
(Live AV)
TEATRO MICAELENSE / 7,5€

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Teatro

© VESSEL & PEDRO MAIA

Um compositor e produtor cuja evolução persistente não pode ser questionada. Sebastian Gainsborough como Vessel alcançou outro pico com o seu terceiro LP, *Queen Of Golden Dogs*, influenciado pela música de câmara e dominado pelo estilo clássico. No Walk&Talk, Vessel apresenta o seu último álbum juntamente com o seu fiel colaborador Pedro Maia, o "alquimista" visual sediado em Berlim, conhecido pelo seu irreverente e inovador trabalho com filme analógico.

20 JUL / 00H
NSDOS
PAVILHÃO W&T

© NSDOS

Depois de estudar dança, Kirikoo Des, também conhecido como NSDOS, sentiu a necessidade de criar o seu próprio som para explorar o movimento e começou a imaginar uma nova ordem sonora, uma abordagem alternativa à música - por meio da abstração. NSDOS não se restringe às ferramentas tecnológicas e aos *softwares* existentes, ele prefere criar os seus próprios media – instrumentos futuristas, feitos de conversores de áudio antigos, emuladores de *Gameboy*, peças de metal desmontadas e soldadas, dando forma a máquinas surreais. Texturas são explodidas, sons mutilados e trazidos de volta à sua essência. A sua visão alternativa e a maneira como reinterpreta as ferramentas tecnológicas fazem dele um dos mais importantes *Tecno-hackers* da sua geração.

20 JUL / 01H

FLiP + Tape (DJ Set)

PAVILHÃO W&T

© FLIP+TAPE

FLiP vive na [in]definição, de se ir tanto à terra e tanto ao mar, de se provar o agridoce, de se estar no lusco-fusco. O seu caminho na música fez-se de discos e fez-se de máquinas, para se extravasar o que se [ou]viu e sentiu. Fez-se há mais de 20 anos, com vistas bonitas, pelo caminho trilhado, mas o melhor é que continua a fazer-se hoje, a fazer-se mais, a fazer-se diferente, a [in]definir-se!

Tape tem sido um dos principais agitadores da cena *Clubbing* na ilha de São Miguel, incansável "azucrinador" de mentes presas no passado, conseguindo de forma consequente elevar as BPM dos sentimentais e bravos corações Açorianos, com os seus *sets* pautados pela diversão e bom gosto.

Flip e Tape juntam-se para fechar a última noite do Walk&Talk 2019.

O programa de música do festival completa-se na pista de dança do Pavilhão W&T, que recebe nos seus comandos os DJs FELLINI, DELÍCIA, MILHAFRE, NEX e outros convidados. Às quintas feiras, a festa prossegue no Raiz Club, também no centro de Ponta Delgada.

O Circuito de Exposições mapeia as exposições e trabalhos inéditos que são apresentados no festival por artistas que concluem as suas residências no Walk&Talk e por artistas convidados pelos curadores. Em 2019, o curador Sérgio Fazenda Rodrigues propõe uma *Deambulação Identitária* por diferentes locais da cidade de Ponta Delgada, onde se articulam sete apresentações individuais dos artistas Andreia Santana, Diana Vidrascu, Gonçalo Preto, Maria Trabulo, Miguel C. Tavares & José Alberto Gomes, Mónica de Miranda e Rita GT.
As apresentações resultam de residências realizadas pelos artistas e o curador, entre 2017/19, em São Miguel, e três destas residências também passaram pelas ilhas Terceira, Faial, Flores e Pico.

INAUGURAÇÕES
SÁB
6 JUL
16H – 20H

Visita de abertura guiada pelo curador com início no 4º Andar SolMar Avenida Center.

DEAMBULAÇÃO IDENTITÁRIA

Sérgio Fazenda Rodrigues
Curador

A proposta curatorial para o Circuito de Exposições do festival Walk&Talk, em Ponta Delgada, em 2019 articula um conjunto de sete apresentações individuais, patentes em cinco espaços diferentes desta cidade. Estas apresentações indagam o formato tradicional de exposição e problematizam a ideia de identidade. Trabalhando com os lugares que se coadunam com a sua natureza, as intervenções questionam aquilo que define, compõe e reinventa uma lógica identitária, operando numa estreita relação entre espaços e conteúdos.

Cada intervenção interpela um conjunto de referências de base cultural, social e antropológica, que vão das questões de género, à memória, à paisagem e à arquitetura. Interpelações que interrogam a expressão do tempo, a ideia de mudança e o conceito de conhecimento, e que sugerindo um percurso inclusivo, cruzam três tipos de intervenção. Estas intervenções organizam diferentes modelos expositivos, onde se destacam:

(1) As intervenções singulares em lugares específicos (pontuar)

(2) As intervenções que se propagam no espaço urbano (dispersar)

(3) As intervenções que se agrupam num local (convergir)

Pontuar, dispersar e convergir são, assim, as ações de base que norteiam uma lógica que se quer alargada, transformadora e participativa, ditando a participação dos artistas:

Gonçalo Preto no Museu Carlos Machado - Núcleo de Santo André (pontuar)

Miguel C. Tavares & José Alberto Gomes, junto ao Anfiteatro das Portas do Mar (pontuar)

Maria Trabulo na Torre Sineira de Ponta Delgada (dispersar)

Rita GT no Museu Carlos Machado - Núcleo de Santo André, e nas ruas que lhe estão adjacentes (dispersar)

Mónica de Miranda, Diana Vidrascu e Andreia Santana, no 4º piso do edifício SolMar, na Avenida Marginal (convergir)

No seu conjunto, as exposições refletem sobre aquilo que identifica uma comunidade, acreditando que tal contempla um processo de renovação constante, onde a criatividade, o debate e a inclusão, têm um lugar cimeiro. Nesse sentido, todas as obras procuram explorar não a diferença que nos distingue, mas sim a reinvenção da semelhança que nos aproxima.

O Circuito de Exposições é apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

© BRUNO LANÇA, ARTWORKS

Strata
Andreia Santana

4º ANDAR SOLMAR AVENIDA CENTER
SEG – DOM / 14H – 20H

Andreia Santana apoia-se na procura e observação, indagando a leitura do tempo e a lógica dos objetos.
O trabalho que desenvolveu surge de uma pesquisa feita no Parque Arqueológico Subaquático de Angra do Heroísmo, onde investigou o uso e a produção de novos sistemas e ferramentas de trabalho.

A artista ocupa uma piscina abandonada, elevada em relação ao nível do mar, que surge como um buraco a céu aberto. Neste cenário, que invoca um local de escavação, existem várias esculturas que emergem da superfície. As paredes cobrem-se de branco e o seu pavimento reveste-se de uma matéria que mimetiza uma técnica denominada *Terrazo*, empregue em trabalho de campo para unificar os achados arqueológicos que se foram inscrevendo no solo.

A ligação que se cria entre o contexto insular/Atlântico e a piscina desativada, assenta na presença da água e no ato de escavar que, aqui, surgem invertidos. Apoiando-se no universo da arqueologia subaquática e numa construção vazia, e descoberta, o trabalho equaciona a memória e o lugar da sua emergência.

A artista intervém ainda em duas salas anexas, onde vários cartazes, com imagens do mundo aquático, preenchem as paredes e se articulam por camadas. Numa das salas, acolhe-se uma projeção que é lida como mais um estrato, adicionado aos existentes.

As imagens provêm do início do projeto e migram da sua origem (parques subaquáticos) para o espaço expositivo, onde se encena a relação entre o objeto da escavação e o objeto escavado. A estratificação ensaia-se verticalmente no pavimento da piscina e horizontalmente nas imagens que revestem as salas. O que surge é um conjunto de fragmentos que pela matéria, forma e imagem, personificam uma memória, e estabelecem redes de afetividade. Algo que contém o potencial para uma recoleção e completude, intencionalmente impossível de se alcançar.

A artista pensa a hipótese de uma sucessiva reciclagem, questionando a ideia de autenticidade, autoria e apropriação, numa nova existência que interrompe a sucessão cronológica e o tempo linear.

© DIANA VIDRASCU

Timeshores
Diana Vidrascu

4º ANDAR SOLMAR AVENIDA CENTER
SEG – DOM / 14H – 20H

Diana Vidrascu apoia-se no imaginário tectónico que informa o arquipélago dos Açores e estabelece a narrativa de um documentário experimental, onde explora um recorte científico mas, também, ficcional. Os vulcões irrompem da terra, marcam a instalação vídeo e enquadram um conjunto de fotografias sonorizadas, que a artista também apresenta.

VULCÃO: Nos Açores, na junção de três placas tectónicas, existe um movimento constante e uma incessante atividade sísmica - o tempo colide, as montanhas movem-se e as imagens aparecem como novas ilhas que emergem do oceano. Isso cria a premissa de uma terra mítica, geológica, onde as narrativas são pensadas num ritmo acelerado de 24 tremores por segundo, abrindo caminho a uma expansão da linguagem cinematográfica. Usando técnicas de filmes analógicos e efeitos de uma impressora óptica, *Vulcão* cruza tempos, formas e referências distintas. Intersetando a experimentação abstrata e o documentário narrativo, distorcem-se figuras e conceitos, trabalhando a ideia de uma cronologia alternativa. O oceano transforma-se em lava e as imagens adotam novos formatos, enquanto a memória muda de uma referência sólida para algo que se dilui.

TIMESHORES: Detetando presenças invisíveis, a fotografia infravermelha permite analisar o território de um modo distinto. As fotografias da série *Timeshores* mostram paisagens suspensas como momentos fugazes de uma era geológica. Uma era de vulcões e continentes sem forma, anteriores à escrita da história.

Juntamente com a sonoridade que as acompanha, cada imagem surge aos olhos do espectador como o reflexo de um sonho esquecido. Como numa subida à superfície, estas imagens reiteram os movimentos da instalação *Vulcão* sendo, simultaneamente, capítulos de uma narrativa e suportes que acolhem animações.

Como o movimento robótico de um observador artificial, ou como uma divindade vulcânica que olha a Terra, a câmara de filmar procura o que se esconde à vista. De frente para o papel fotográfico, o espectador é convidado a procurar os detalhes da imagem, a seu ritmo e vontade. Observando e ouvindo, dentro do *loop* da moldura.

© GONÇALO PRETO

Limbo
Gonçalo Preto

MUSEU CARLOS MACHADO
NÚCLEO DE SANTO ANDRÉ
TER – DOM / 10H – 18H

Limbo surge de uma investigação em torno dos herbários históricos que integram o espólio do Museu Carlos Machado. O imaginário de fim de século que caracteriza a lógica arquivista e o ambiente destes locais serve de motor ao trabalho desenvolvido, que se alicerça numa reflexão sobre os momentos chave do estudo da Botânica e da expansão da História Natural.

No âmbito desta pesquisa, a exposição atenta ao campo da Sinecologia, analisando o comportamentos das comunidades biológicas, ou as relações entre os indivíduos que integram diferentes espécies e o meio em que estas vivem. Baseada na hierarquia sociológica das plantas e no conhecimento da Taxonomia de Lineu, a intervenção problematiza o conceito de endémico, traduzido na composição de um objeto artístico que ensaia uma outra relação entre os elementos.

A intervenção cruza a pesquisa científica com a expressão dos princípios inerentes à pintura, operando sobre uma lógica de estratos que informam o universo do artista. O objeto constrói um ambiente onde se ensaia a recriação de uma paisagem, em que as imagens são reproduções de ilustrações científicas e surgem numa sequência que respeita a importância das espécies e a harmonia do conjunto. Por outro lado, a inserção de animais taxidermizados introduz volume, cor e textura à composição, perturbando o rigor de uma leitura esquemática. A interação com um cuidado sistema de iluminação, que projeta a sombra e a dimensão das figuras, expande a composição para um campo espacial, de valor cenográfico.

A intervenção parte de uma atenção cuidada sobre a subtileza e a fragilidade de cada elemento mas, no conjunto, trabalha uma sobreposição de ordens que, simultaneamente, cumprem e subvertem a linearidade de um sistema de classificação. Trabalhando sobre a expressão que os elementos readquirem, a criação desta nova paisagem, manipulada, constrói uma ambiência que indaga a linearidade do pensamento científico e o seu sistema de classificação. *Limbo* reporta-se, assim, ao espaço que existe entre a exuberância da existência e a racionalização científica. Espaço que o campo artístico aborda, expande e especula.

© MARIA TRABULO

Prefácio para um Arquipélago
Maria Trabulo

TORRE SINEIRA DE PONTA DELGADA
CÂMARA MUNICIPAL
SEG – SEX / 09H30 – 17H30

Durante o antigo regime centenas de presos políticos foram deportados para os Açores, levando consigo livros e ideias proibidas no continente. Estas pessoas foram a engrenagem de um debate político que, gradualmente, ocorreu entre ilhas.

Prefácio para um Arquipélago revisita este capítulo da história, partindo da documentação oficial e da poesia de intervenção que, nesse período, foi clandestinamente produzida no país. Analisando esse tempo nos Açores, parte-se da literatura de resistência que aí chegou (até 1974) através dos deportados, do correio, ou que aí foi escrita, constituindo bibliotecas no presente. Em contraste a estes conteúdos, revelam-se vários documentos sobre a permanente vigilância a que estes indivíduos estavam sujeitos.

Assente na potência da palavra escrita, em tempos onde a liberdade era clandestina, o trabalho desenterra a história nacional, através da local. A artista recupera episódios de opressão do discurso aí passados, para observar as suas repercussões no presente e questionar o modo como as atuais construções políticas introduzem novos domínios de expressão e liberdade.

O trabalho de Maria Trabulo liga a Torre Sineira de Ponta Delgada a um conjunto de outros espaços da cidade. A torre acolhe sessões de leitura abertas ao público que, emitidas na rádio, propagam os textos velados no passado. Esta torna-se um lugar de encontro, liberdade e difusão que, pelas ações e objetos artísticos apresentados, inverte o seu poder de vigia e controle. Sendo algo que exalta a memória e a poesia, ela nomeia alguns dos locais que acolheram a escrita, a impressão, e a difusão de novas ideias. Ideias que a artista resgata para o presente em cartazes e panfletos com excertos de publicações originais, afixados nas paredes da cidade. Estes elementos marcam os ditos locais, reposicionando-os numa rede de memória e discussão.

Ponta Delgada acolhe a lembrança da transgressão, equacionando a relação de uma contracultura com a sociedade. As ações propostas, na torre e nas ruas, dão corpo a algo que interpela os indivíduos, a história e a cidade, onde a relevância da palavra como resistência potencia um diálogo em conjunto.

Projeto com o apoio Antena 1 Açores

SESSÕES DE LEITURAS – PERFORMANCE
6 JUL / 17H : TORRE SINEIRA DE PONTA DELGADA
8 JUL / 17H : TORRE SINEIRA DE PONTA DELGADA
8 JUL / 21H30 : PAVILHÃO W&T
15 JUL / 18H : PESQUEIRO, PORTAS DO MAR
19 JUL / 17H : TORRE SINEIRA DE PONTA DELGADA

© MIGUEL C. TAVARES & JOSÉ ALBERTO GOMES

East Atlantic
Miguel C. Tavares & José Alberto Gomes

CONTENTOR – ANFITEATRO DAS PORTAS DO MAR
SEG – DOM / 16H – 20H

Inspirados pela viagem de Raúl Brandão ao arquipélago dos Açores em 1924, Miguel C. Tavares e José Alberto Gomes viajaram durante dez dias a bordo do navio de carga "Corvo", partindo de Lisboa e passando pelas ilhas de São Miguel, Faial, Terceira, Flores e Pico.

Com *East Atlantic* apresentam a criação de uma peça audiovisual que traduz esse imaginário em imagens e sons, tendo como temática o arquipélago açoriano e a sua condição insular. Num espaço híbrido entre o documentário e o objeto artístico, o trabalho explora e representa o carácter dicotómico insular, tanto sedutor e atraente como prisioneiro e claustrofóbico.

No dia 7 de julho, *East Atlantic* é apresentado em filme-concerto no Circuito Performativo do festival, em estreia absoluta na Blackbox do Arquipélago CAC.

"*Tudo se reduziu a fragmentos, a quadros restritos e recantos de paisagem. Ansioso, rebusco aquela primeira impressão de conjunto e não a encontro.*"
(Raúl Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*)

© MÓNICA DE MIRANDA

In(sul)ar
Mónica de Miranda

4º ANDAR SOLMAR AVENIDA CENTER
SEG – DOM / 14H – 20H

O projeto *In(sul)ar* assinala a dicotomia entre realidade e ficção, pela criação de meta-imagens de uma ilha imaginada, onde o tempo e espaço se confundem entre si. O projeto é constituído por uma instalação de vídeo, som e fotografia, e averigua o território dos Açores como lugar atlântico, que existe no cruzamento entre a Europa e a África.

In(sul)ar é um trabalho de investigação e criação artística que reflete a relação entre o espaço, a memória e a história, bem como o mapeamento do corpo e a sua relação com a arquitetura e a identidade. O projeto desenvolve estes conceitos em torno das ilhas do arquipélago dos Açores, assente na representação da paisagem e da sua relação com a arquitetura. Assim, o trabalho acentua a dualidade entre a ruína do projeto turístico e colonial, representado aqui pela presença disruptiva do Hotel Monte Palace, que contrasta com a ideia romântica de uma paisagem tropical. *In(sul)ar* remete-nos, também, para um universo imaterial, imaginário, que alude a uma outra geografia (metafísica), situada entre o que flui e o que é sólido, entre construção e desconstrução, ruína e memória do local – aqui, fora do seu lugar. Um universo entre o canto erudito (em coro) que apela às reminiscências de um passado colonial, e a desconstrução do sentido atual de pertença, que é alimentado pela complexidade dos atuais fluxos migratórios. *In(sul)ar* procura uma identidade que vive da deambulação e se constrói através das ruínas do passado, e dos sons que emergem da penumbra. Algo que surge do interior da terra e se expande ao interior do corpo, questionando o lugar do indivíduo na narrativa da pertença e do lugar. Este é um projeto que surge, também, de uma residência desenvolvida com o artista Sounslikenuno (Chullage), assente na construção do som.

O projeto propõe uma viagem através de um corpo que nem sempre é visível, mas que se revê numa ilha imaginária, entendida como arquétipo da ilha vulcânica. Lida como metáfora de uma viagem ao interior do indivíduo, essa ilha opera uma desconstrução da identidade, enquanto origem fixa e irreversível, sublinhando a dicotomia entre a natureza e cultura, vida e morte.

© RITA GT

Recetáculo
Rita GT

MUSEU CARLOS MACHADO
NÚCLEO DE SANTO ANDRÉ
TER – DOM / 10H – 18H

Rita GT articula um percurso entre dois pontos da cidade, ligados através de uma performance que se inicia nos Paços do Concelho e termina no Museu Carlos Machado.

A artista reinterpreta o formato tradicional de uma procissão, refletindo sobre o seu funcionamento, intervenientes e organização, enaltecendo a condição feminina, e repensando a estrutura patriarcal que subjaz a este tipo de manifestações.

Um grupo de mulheres que pertencem a uma irmandade fictícia transportam consigo um conjunto de vasos e talhas em barro, levando-as pela cidade para posteriormente as depositar num espaço museológico, onde permanecem como instalação temporária.

O material e o formato que estes objetos trabalham alicerça uma relação direta entre o que é transportado e o corpo de quem o transporta. A ideia de recetáculo assume uma forma e uma função que se liga à condição feminina, celebrando o elemento que contém e guarda o que é precioso; seja na invocação de uma perspetiva histórica, onde estes objetos preservavam os bens de sustento do lar, seja na invocação do corpo da mulher, que assume a possibilidade de conter, em si, uma nova vida. Deste modo, na dimensão simbólica que a procissão detém, o papel do poder é resgatado para uma outra esfera, matriarcal, que gera a vida e a sua subsistência.

A performance envolve vários agentes da comunidade local e desenvolve uma coreografia que é acompanhada por um registo sonoro, contendo canto e percussão, e por um registo visual que abarca uma nova identidade, traduzida no estandarte e na indumentária utilizada. O trabalho envolve, também, a apresentação de um vídeo que é exposto no Museu Carlos Machado, onde se documenta a ação tida na construção dos objetos, em oficina de olaria, e a sua ativação, em procissão, nas ruas da cidade.

A performance termina numa cerimónia de deposição dos vasos, talhas e restantes elementos que, na sua interação com o vídeo, define os contornos de uma instalação. A instalação surge na sequência da performance e o trabalho é pensado em múltiplas frentes, questionando o formato da obra e o lugar da sua apresentação. Entre o acontecimento e o objeto, entre a cidade e o espaço de exposição.

PARALELAS

Paralelamente, estão patentes as exposições de Olivier Nottellet na Galeria Fonseca Macedo e de Madalena Correia no Instituto Cultural de Ponta Delgada. A Oficina assina a primeira MONTRA no ¾ Café e a *Retrospetiva RARA* pode ser visitada no Parque Atlântico.

Emotional Rescue

Olivier Nottellet

INAUGURAÇÃO: 4 JUL / 21H
GALERIA FONSECA MACEDO
SEG – SÁB / 14H – 19H

© OLIVIER NOTTELLET

Emotional Rescue foi o tema de uma residência do artista Olivier Nottellet na ilha de São Miguel, Açores, durante três semanas, em abril de 2019. Apesar de ter vivido no Arquipélago dos Açores durante a sua infância, esta exposição marca a sua primeira intervenção em Portugal. Habituado a desenvolver pinturas murais de dimensões monumentais, aqui o artista quis regressar ao seu trabalho de desenho e pintura sobre papel para oferecer um conjunto de imagens e signos simples, com ambições poéticas e uma grande economia de meios. Como lhe é habitual, Nottellet inicia as histórias sem nunca verdadeiramente as cristalizar numa narrativa precisa. As coisas circulam entre si, dialogam e interrogam-se enquanto respondem umas às outras. O espaço da pintura confronta-se com o do desenho e vice-versa. Os signos, as parcelas das imagens vêm aninhar-se, ou encostar-se numa colorida trama pintada que parece retê-los. Uma língua absurda emerge do conjunto, com uma aparente doçura que os mais afiados e cinzelados acentos vêm perturbar. Imagens incompletas e suspensas dos olhares cruzados que o visitante é convidado a multiplicar infinitamente.

MONTRA

Oficina

INAUGURAÇÃO: 4 JUL / 21H
¾ CAFÉ

© OFICINA

O projeto MONTRA transforma um espaço outrora banal, entre as múltiplas fachadas comerciais do centro da cidade de Ponta Delgada - a janela de esquina do ¾ Café, numa montra para a apresentação de projetos criados por artistas estabelecidos em São Miguel. A inauguração do projeto acontece no âmbito do festival Walk&Talk, que comissariou a Oficina para a primeira ocupação artística da MONTRA. A Oficia é um espaço que conjuga atelier e galeria e promove uma programação regular de exposições.

Loading

Madalena Correia
Vencedora Jovens Criadores W&T 2018

INAUGURAÇÃO: 5 JUL / 18H
INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
SEG – SEX / 14H – 17H30

© MADALENA CORREIA

Tomando como ponto de partida o *Mito de Sísifo* de Albert Camus, Madalena Correia introduz o ritmo absurdista no seu trabalho para refletir sobre o quotidiano, as ações apressadas e a busca constante pelo sentido das coisas. A rotina é-nos apresentada como enfadonha e repetitiva. Desvalorizamos o trabalho físico, os movimentos simples e quotidianos do nosso corpo, por vezes realizados de forma inconsciente. No *Mito de Sísifo*, o objetivo não é a imortalidade, mas sim o tempo e o positivismo aplicado pelo protagonista, a ação repetida e continuada com a esperança de alcançar o impossível.

A artista associou esta reflexão, à sua rotina diária no Estúdio 13 (espaço multidisciplinar de criação e ensino artístico), com o propósito de destacar um conjunto de acontecimentos 'absurdistas', previamente executados, e transformá-los em movimento sem propósito.

Loading, o projeto que Madalena Correia apresenta no Instituto Cultural de Ponta Delgada, consiste numa instalação vídeo, composta por cinco ecrãs que projetam, de forma sequencial e alternada, diferentes movimentos a serem executados pelo corpo. Os movimentos são repetitivos, ações em suspenso e aparentemente sem objeto ou propósito. O que seria Sísifo sem a sua pedra de mármore?

RETROSPETIVA RARA
Objetos de design e artesanato contemporâneos

Curadoria Miguel Flor

INAUGURAÇÃO: 9 JUL / 18H
PARQUE ATLÂNTICO - PRAÇA CENTRAL
SEG – DOM / 8H30 – 23H

© MIGUEL FLOR

Artesãos e oficinas
Associação Arrisca, Cerâmica Vieira, Fátima Andrade, Herdeiros Agostinho Medeiros Lda, Horácio Raposo, Idalina Negalha, Jacinta Teixeira, João Andrade, Maria Pimentel, Oficina Museu das Capelas, Quinta do Priôlo, Tipografia Micaelense, Veneranda Silva

Artistas e designers
Bráulio Amado, Brian Thorren, Carolina Brito, Caroline David, Célia Esteves, Kurt Woerpel, Julio Dolbeth, Leo Nguyen, Mafalda Fernandes, Nicole Shinn, Pedrita, Sam Baron, Simone Ponte, Rui Freitas, Rui Vitorino Santos, Tim Lahan, UVA - Cristina Hora & Sérgio Rebelo, WSDIA - Jonathan Jackson & Sarah Jackson

Exposição de objetos de artesanato e design contemporâneos que traça uma retrospetiva sobre o portefólio criado ao longo de cinco edições da RARA – Residências de Artesanato da Região dos Açores. Com curadoria de Miguel Flor, o designer que acompanha o projeto desde 2014, a *Restrospetiva RARA* pretende destacar os projetos inéditos, na sua maioria protótipos, que nasceram do trabalho conjunto entre designers, oriundos de múltiplas geografias, artesãos açorianos e oficinas locais que trabalham materiais e técnicas como madeira, basalto, vimes, escamas de peixe, cerâmica, tecelagem e tipografia. Além de uma experiência 'RARA', de encontro entre pessoas de diferentes gerações, origens e saberes, as residências que estão na origem desta mostra são, sobretudo, momentos de troca de afetos, motivados pelo apreço e desejo de inovar o património cultural dos Açores.

Patente no Parque Atlântico, espaço que acolhe pela primeira vez um projeto do festival Walk&Talk, a mostra será apresentada numa estrutura fabricada em madeira de criptoméria, especialmente concebida pelo arquiteto Nuno Paiva para atuar na transformação do ambiente e na circulação do centro, adicionando-lhe um novo objeto de carácter escultórico, táctil e aberto a ser explorado pelos visitantes.

SESSÕES NO PARQUE ATLÂNTICO

13 JUL / 10H–14H: WORKSHOP ESCAMA DE PEIXE COM IDALINA NEGALHA

13 JUL / 17H–21H: WORKSHOP ESCAMA DE PEIXE COM IDALINA NEGALHA

16 JUL / 13H: CONVERSA COM CURADOR E ARTISTAS RARA

20 JUL / 10H-14: WORKSHOP VIME COM ALCÍDIO ANDRADE

Antes designado 'Circuito de Arte Pública', o Circuito Ilha expande as possibilidades de relação entre os projetos artísticos que acolhe e as especificidades geográficas e culturais do seu contexto - a ilha de São Miguel. Nesta edição do festival Walk&Talk, o circuito forma-se em torno de uma expedição artística, que é liderada por The Decorators e envolve a participação dos artistas Clementine Keith-Roach, Inês Neto dos Santos, Practice Architecture, Pedro Lino, Prem Sahib e Rain Wu. Estes artistas convocaram paisagens, media e dimensões sensoriais distintas para criar sete projetos inéditos, em diferentes locais da ilha, que vão desde o centro de Ponta Delgada aos Fenais da Luz na Costa Norte. No seu conjunto, a *Expedição: Empatia* explora fenómenos imensuráveis, irracionais e ininteligíveis, com o objetivo de refletir sobre o nosso posicionamento frágil e misterioso relativamente à natureza.

EXPEDIÇÃO
DOM
14 JUL / 16H
PONTO DE ENCONTRO PAVILHÃO W&T

A visita inaugural ao Circuito Ilha inclui percursos a pé e de autocarro. Lotação limita a 80 pessoas. Pré-inscrição em welcoming@walktalkazores.org

EXPEDIÇÃO: EMPATIA

The Decorators
Curadores

Muitas das descrições estrangeiras dos Açores foram escritas no contexto de expedições, por mentes racionalistas em sintonia com o espírito do Iluminismo, no século XIX. Elas classificam e categorizam plantas, animais, paisagens e pessoas das ilhas. Mas nem todas as dimensões podem ser medidas por sistemas racionais. As propriedades magnéticas das rochas, os tremores de terra, a ascensão iminente da lava, são eventos que desafiam escalas lógicas, ocorrências que dificilmente podem ser previstas ou adequadamente medidas. Elas escapam-se aos sistemas racionais de pensamento.

A nossa expedição, ao contrário das do século XIX, interessa-se por fenómenos imensuráveis, irracionais e ininteligíveis. Tomando uma abordagem baseada na empatia, ela quer fundir-se em vez de medir, personificar em vez de classificar, viver e não explicar. Incorpora a ilha e produz experiência no terreno, em colaboração com as pessoas e as paisagens. Uma série de obras produzidas por artistas e arquitetos povoam a ilha e convidam os visitantes a explorar dimensões desconhecidas da geologia, digestão, tempo e distância.

O pensamento racional que veio a dominar o mundo desde o Iluminismo, é hoje reconhecido como profundamente ligado aos processos globais de industrialização e, consequentemente, à crise ecológica que vivemos. Inspirados no posicionamento dos seres naturais de Michel Serres como entidades com direitos legais, numa época em que o sublime não é possível porque não podemos vigiar a natureza de uma posição distante de segurança (Bruno Latour), aproveitamos para fazer uma expedição que reflete o nosso relacionamento frágil e misterioso com a natureza.

Hypogeum

Clementine Keith-Roach
FENAIS DA LUZ

© CLEMENTINE KEITH-ROACH

INTERNAL OBJECTS 1&2, PART OBJECT 1, 2018

Hypogeum: do grego *hypo* (sob) e *gaia* (mãe terra), é um templo subterrâneo ou tumba.

A história afirma que os Açores foram povoados pela primeira vez pelos portugueses, porém, descobertas arqueológicas recentes de *Hypogea* sugerem que houve uma presença humana anterior nas ilhas. As evidências são escassas e a fantasia floresce em torno dessas descobertas. Clementine Keith-Roach parte destas especulações arqueológicas e liga-as à sua experiência pessoal para escavar uma área de terra na ilha de São Miguel, revelando as camadas estratificadas da história vulcânica.

Parecida com outras culturas mediterrânicas da Idade do Ferro, diz-se que a *Hypogea* encontrada nos Açores se assemelha fortemente a uma necrópole etrusca encontrada perto de Roma que a artista visitou no início deste ano. Naquele local, toda a necrópole é cinzelada de uma camada de tufo vulcânico, cinzas petrificadas de uma erupção pré-histórica. As *Hypogea* funcionavam como casas para os mortos, estucadas com réplicas esculpidas das ferramentas e objetos necessários para a vida após a morte. Aqui existe uma sobreposição de temporalidades: as rotinas quotidianas da vida humana, a perpetuidade da vida após a morte e a vastidão do tempo geológico.

A artista usa terra exumada para criar uma série de moldes, que representam os fragmentos do seu corpo e objetos contemporâneos relevantes para a sua viagem aos Açores (ao invés da vida eterna).

Placing what surrounds us into the inside of us

Inês Neto dos Santos
LAGOA DAS FURNAS

© INÊS NETO DOS SANTOS

INSTALAÇÃO *TOOLKIT FOR THE FUTURE*, ARCADE EAST, LONDRES, 2018

Placing what surrounds us into the inside of us (passar o que nos rodeia para dentro de nós) é a premissa base deste projeto, que dá continuidade ao trabalho de Inês Neto dos Santos em torno da fermentação (transformação de alimentos por bactérias, leveduras e bolores). A artista interessa-se pela troca de informações entre a comida e o seu meio ambiente, um processo baseado no tempo e que pode ser influenciado por elementos como a temperatura, humidade, pressão atmosférica e até a fauna e flora. Para Neto dos Santos, a fermentação funciona como um arquivo *site-specific* de informações hiperlocais, um mapa de pontos espaço-temporais que depende de uma relação microbiana e simbiótica constante, que liga humanos e natureza. Começando com uma caminhada performativa pela ilha de São Miguel, carregando o fermento para o introduzir à terra, a artista explora as formas como os fermentos nos ligam ao ambiente, usando os alimentos como meios de perceção. Com base na cultura e conhecimento alimentar da região, Neto dos Santos vai colecionar ingredientes, receitas e histórias, tecendo-as numa nova narrativa que especula sobre o papel dos fermentos como arquivos, não só da vida microbiana, mas também como registos de lugar, tempo e experiência emocional. Podemos provar isso no nosso paladar? Este projeto integra-se no projeto mais alargado da artista, *Fermen-tour*.

Mistérios Negros

Pedro Lino
VÁRIOS LOCAIS

© PEDRO LINO

FRAME DE *MISTÉRIOS NEGROS*, 2019

"Mistérios negros" é a designação popular para os domas traquíticos de rocha negra irregular, de arestas afiadas, com origem nas erupções ocorridas nas ilhas dos Açores. Partindo do desafio curatorial da Expedição para explorar o que não pode ser mapeado ou categorizado, este vídeo encena uma viagem ao centro da terra, no sentido figurado e literal. Vamos mergulhar no princípio do Mundo, de uma forma que se liberta da lógica Cartesiana, à procura de uma manifestação mais primal.

Capturando paisagens interiores e exteriores dos Açores, esta peça viaja por grutas, cavernas e buracos, para gravar matéria e energia animadas, incorporadas em sistemas não-vivos, como as rochas, a água ou a lava. Esses elementos são capturados pela câmera em diferentes estados - do sólido ao gasoso, convidando o espectador a interrogar os conceitos de escala e tempo antagónicos, entre o geológico e o humano. Persegue as forças da natureza que parecem vivas (e ameaçadoras), refletindo sobre a sua relação com os humanos. Através da justaposição de imagem e som, o vídeo evoca também o início do cinema, onde a linguagem verbal ainda não tinha lugar.

22 Men, 1 Ball, Some Fog

Practice Architecture

CAMPO DE FUTEBOL DAS FURNAS

© PRACTICE ARCHITECTURE

VISTA AÉREA DO CAMPO DE FUTEBOL DAS FURNAS, 2019

Quando os romanos se estabeleciam num novo lugar observavam o nascer e o pôr do sol marcando uma linha no solo entre os dois. Esta linha, o *Decumanus*, era o principal eixo a partir do qual outras estradas se estabeleciam. O nosso impulso para inscrever no espaço é uma das maneiras através das quais procuramos ordenar o mundo ao nosso redor.
O campo de futebol pode ser visto como um elo de ligação a essas primeiras inscrições - linhas no terreno que estabelecem um território e definem uma mudança de ordem. Dentro do espaço dessas linhas há regras tácitas, relativas à forma como interagimos e nos identificamos uns com os outros, que informam uma espécie de coreografia social e ritual. De uma perspetiva ocidental, pode dizer-se que essas linhas denotam o nascimento da ordem social, o momento em que o domínio público se tornou o espaço no qual procuramos a nossa identidade partilhada.

Em campo e ao redor do campo, Practice Architecture convida-nos a encenar a nossa união. Em colaboração com o Futebol Clube Vale Formoso, farão um ritual, condensando o tempo, lembrando e estando com a terra, naquele que é o mais formal dos jardins.

Obsidian Mirrors

Prem Sahib

VÁRIOS LOCAIS

© PREM SAHIB

OBSIDIAN MIRROR (RENDER DIGITAL), 2019

Como parte desta expedição, Prem Sahib produziu oito espelhos de obsidiana que estarão dispersos por vários locais da ilha de São Miguel. Seis permanecerão nos Açores e os restantes serão instalados na ilha vulcânica de Stromboli[1] ou temporariamente numa das escavações arqueológicas de Pompeia[2].

A obsidiana é um vidro vulcânico que é produzido sob imensa pressão e trauma. O material foi cortado, polido e envolvido numa estrutura de metal com uma prateleira discreta. Os objetos derivam de imagens encontradas pelo artista que retratam antigos espelhos de obsidiana em Pompeia.

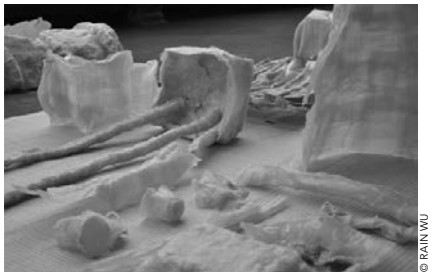
No seu conjunto, estes espelhos públicos podem ser entendidos como lugares de contemplação individual ou como oferendas votivas, portais entre as diferentes geografias que ligam. A sua superfície rachada evoca os dispositivos de comunicação contemporâneos, assim como materiais usados em práticas de adivinhação ou para aceder a realidades paralelas.

1 *Volcano Extravaganza*, DEATH, 2019, com curadoria de Milovan Farronto, direção artística de Maria Laboda, produzido por the Fiorucci Art Trust
2 *Cruising Pompeii*, performance de Prem Sahib a 21 julho, Pompeia, integrado no Volcano Extravaganza 2019

Facsimile Of A Breeze

Rain Wu

JARDIM DA ZENITE, LARGO 2 DE MARÇO



© RAIN WU

WE MOVE SILENTLY TOWARDS THE FAR SHORE, 2019

Para a *Expedição: Empatia*, Rain Wu criou um mapa sobre a impossibilidade de mapeamento. Os mapas são depósitos de uma pequena porção de conhecimento acerca de um lugar, na tentativa de compreender o mundo. Mas esse depósito é apenas um fragmento de um todo impercetível, tornado legível através de medidas que simplificam a complexidade do terreno, a fim de permitir a nossa compreensão daquele. Ao mapear, podemos assumir um ponto de vista e reivindicar a nossa soberania de um conhecimento fracionário, mas a terra está viva e continua a evoluir apesar dos nossos esforços para a fixar.

A Ilha Sabrina foi uma ilhota formada em 1811 por uma erupção vulcânica submarina ao largo de São Miguel, nos Açores. A primeira pessoa a desembarcar na nova ilha foi o comandante James Tillard, capitão britânico que ali içou a *Union Jack*.

Após a sua reivindicação de soberania pela Grã-Bretanha, Tillard regressou aos Açores, mas a ilha tinha desaparecido. Inspirada por este exemplo de reviravolta de forças naturais, a instalação de Wu é composta por uma grade metálica tridimensional, dentro da qual se encontram objetos perecíveis em transformação. O projeto desafia qualquer tentativa de medir e rejeita noções fixas de forma e escala, propondo, em vez disso, uma irresolução evolutiva entre matéria e representação.

Mesa-Buraco

The Decorators

LAGOA DAS FURNAS

© CARLOS JIMENEZ

TATE MODERN SUMMER TERRACE, THE DECORATORS, 2018

Durante a última década, os The Decorators construíram múltiplas mesas com diferentes formas, relacionadas com os locais específicos onde foram posicionadas. Fizeram, por exemplo, uma mesa em forma de estádio de futebol em Wembley (Londres), uma mesa de conferência numa fábrica abandonada composta por restos do mobiliário da fábrica, e uma mesa móvel que transportava comida entre a cozinha, abaixo, e os comensais, acima. Cada uma dessas mesas coreografa rituais específicos entre pessoas, transformando-as em *performers* comensais. Para a Lagoa das Furnas, criaram uma mesa longa com um recorte circular, que coincide com um buraco no chão onde a comida é tradicionalmente cozinhada pela atividade vulcânica subterrânea da região. A mesa permite que, coletivamente, se retire a panela da terra diretamente para a mesa. A mesa celebra o ritual local de cozinhar com a terra quente. Feita de madeira escura queimada e coberta com uma camada de cinzas e pedras de lava pretas, a mesa homenageia o calor enquanto processo transformador, que torna matéria em diferentes estados, texturas e sentimentos.